

Flávio Ferraz

Normopatia

Sobreadaptação e pseudonormalidade

3ª edição



Blucher

Normopatía

Sobreadaptação e pseudonormalidade

Flávio Ferraz

3ª edição

Normopatia: sobre Adaptação e pseudonormalidade

© 2026 Flávio Ferraz

Editora Edgard Blücher Ltda.

1ª edição – Casa do Psicólogo, 2002

2ª edição – Casa do Psicólogo, 2005 (reimpressão 2011)

3ª edição – Blucher, 2026

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Bárbara Waida

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Ferraz, Flávio

Normopatia : sobre Adaptação e pseudonormalidade /
Flávio Ferraz. – 3. ed. – São Paulo : Blucher, 2026.

168 p. (Série Psicanálise Contemporânea / Coord. Flávio
Ferraz).

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2785-4 (impresso)

ISBN 978-85-212-2786-1 (eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2787-8 (eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Normopatia. 3. Orthos (Norma) –
Psicanálise. 4. Pathos (Paixão/Doença) – Psicanálise.
5. Clínica psicanalítica. 6. Normopatia e sociedade.
7. Normalidade na psicanálise. 8. Autoconhecimento.
I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio à 1ª edição – Entre <i>orthos</i> e <i>pathos</i> <i>Decio Gurfinkel</i>	9
1. Considerações sobre o termo e o conceito de normopatía	19
2. Raízes freudianas da noção de normopatía	37
3. Desenvolvimentos conceituais psicanalíticos rumo à normopatía	55
4. Casos clínicos	87
5. Questões clínicas e éticas	109
6. Normopatía, sociedade e sociedades psicanalíticas	129
Referências	147
Posfácio – O encanto anestésico da normalidade <i>Sidnei José Casetto</i>	159

Prefácio à 1ª edição

Entre *orthos* e *pathos*

Decio Gurfinkel

Este livro se caracteriza pela ousadia e pelo risco. A ousadia e a assunção de um risco são decorrentes da proposição de um quadro psicopatológico – a normopatía – que não faz parte das estruturas clínicas clássicas e que ainda não foi suficientemente consagrado na literatura psicanalítica. Trata-se, portanto, de uma inovação que, no entanto, apoia-se em algumas linhas de força da psicanálise pós-freudiana.

Diante da proliferação de “etiquetas da moda” da psicopatologia – tão frequentes na psiquiatria de hoje, mas muitas vezes adotadas de modo acrítico pelos próprios psicanalistas –, algumas *exigências* se fazem necessárias quando se propõe um quadro clínico para a psicopatologia psicanalítica. Ainda que partamos de uma descrição fenomenológica do quadro, na qual sintomas, modos de apresentação ou traços de caráter podem ser reconhecidos – e este foi também o ponto de partida de Freud ao abordar a psiconeurose –, faz-se necessário um salto de qualidade decorrente de um pensar clínico que parte da hipótese do inconsciente: qual é o sentido estrutural deste conjunto sindrômico de fenômenos observáveis a olho nu, qual é o sentido latente deste manifesto,

que configuração psíquica peculiar (conjunto de angústias, mecanismos de defesas, impulsos e fantasias subjacentes) determina tal “síndrome”, o que se encontra abaixo da ponta deste suposto *iceberg*? Convido o leitor a um olhar crítico que busque observar no trabalho de Ferraz o cumprimento dessa exigência.

O mérito do trabalho se encontra em duas dimensões principais. Em primeiro lugar, o autor nos proporciona uma organização e uma apresentação de conjunto do tema que são, em si mesmas, preciosas. Para tanto, fez-se necessário, por parte do autor, uma leitura e um “trabalho de costura” na história das ideias em psicanálise – depreendidas da literatura psicanalítica disponível – bastante complexos, o que implicou um espírito de pesquisa e um olhar imparcial diante da diversidade de autores. Observa-se, aqui, a vocação não regionalista do autor, bem como sua preocupação em inserir a produção da psicanálise nacional no tronco geral da psicanálise mundial. Trata-se, em suma, de um convite ao diálogo, tanto em relação à comunidade psicanalítica mais próxima quanto ao movimento psicanalítico em geral.

Em segundo lugar, e a partir desse trabalho de organização e “costura”, deparamos com a contribuição do próprio autor ao tema. Ferraz nos traz algumas sugestões preliminares sobre como definir, compreender e trabalhar clinicamente a normopatia, bem como um retrato expressivo de sua própria experiência clínica nesse campo, somando-se ao conjunto de analistas que têm contribuído para a construção dessa categoria psicopatológica.

“A normopatia é uma formação decorrente de processos defensivos contra o risco de sérias desorganizações, sejam psíquicas, sejam somáticas, para as quais o analista deve ter especial atenção. Sua abordagem clínica requer cuidados especiais.” Partindo dessa definição preliminar de normopatia, Ferraz já aponta para a base do *iceberg*: o raciocínio do psicanalista parte da constatação da defesa e busca descobrir a angústia. Qual é a desorganização evitada,

qual é o colapso temido, e de que natureza é a angústia que subjaz a essa organização de defesa? O Capítulo 1 se encerra com o instigante relato de uma primeira experiência de encontro do analista com o normopata, vivida na pele da contratransferência por Jung. Aqui acompanhamos a descoberta da psicose latente subjacente em um indivíduo que se autointitula “normal” – normal em demasia, normal por doença, normal por defesa. O pânico e a percepção de risco iminente – o medo do colapso – são vívidos, curiosamente, primeiro do lado do analista, que se encontra ainda pouco instrumentalizado para operar clinicamente com a situação. Devemos a Jung, portanto, a primeira lição – a de que o medo do colapso, no caso da normopatía, pode emergir no início do lado do analista –, bem como devemos a ele a ousadia de pioneiro que se fez cobaia e registrou sua experiência nos anais da história da psicanálise, como outros tantos “médicos loucos”.

No segundo capítulo, Ferraz realiza um retorno a Freud tendo em mente a questão da normopatía. A genial fórmula freudiana da saúde mental ou do bem-viver – a possibilidade de realização no amor e no trabalho – é reexaminada de maneira crítica. A capacidade para amar e trabalhar não significa submissão ao outro (objeto de amor) e ao corpo social; deve haver, pelo menos, uma formação de compromisso entre o eu e o outro, entre prazer e realidade. Hiper-realidade e sobreadaptação nada têm a ver com esse critério de saúde. Amar e trabalhar implicam a preservação do prazer – seja no exercício da sexualidade, seja pela sublimação –, da fantasia e, sobretudo, da arte de viver. A passagem do princípio do prazer ao princípio da realidade nunca foi uma meta absoluta; não existe princípio da realidade sem princípio do prazer, mesmo porque, para Freud, o primeiro é tão somente uma modificação do segundo, que transforma seus meios, mas conserva seus fins. Um princípio do prazer puro e absoluto seria, portanto, uma aberração e um desvio da natureza humana; Winnicott, aliás, chegou a dizer

que o princípio da realidade é, para o homem, sempre um insulto! Bem, partindo dessas reflexões, Ferraz chega a uma formulação bastante esclarecedora: “o que ocorre na normopatía é, na verdade, uma cisão entre a realidade interna e a realidade externa, a primeira sendo praticamente suprimida e a segunda sobreinvestida de modo compensatório. O sujeito perde o contato consigo mesmo, passando a funcionar à moda de um robô”. Observamos, portanto, na normopatía, um extravio da dialética ou do delicado interjogo entre prazer e realidade. Ora, essa proposição, que coloca em relevo o mecanismo da cisão, já indica que nos encontramos em um campo clínico diferente daquele da psicose, caracterizado pelo processo de recalçamento; aqui abre-se o caminho para uma significativa aproximação, realizada pelo autor, entre normopatía, processos de somatização e sintomas de pânico.

O capítulo seguinte nos mostra como a questão da normopatía tem estado presente, direta ou indiretamente, no horizonte de preocupações e de observações clínicas de diversos analistas pós-freudianos. A psicossomática psicanalítica da Escola de Paris contribuiu fundamentalmente com sua “descoberta” de que nem sempre o sintoma tem um sentido, especialmente no caso das somatizações, muito frequentes em estruturas clínicas caracterizadas por um paulatino empobrecimento do funcionamento psíquico. Joyce McDougall, além de cunhar o termo “normopatía”, denunciou a crise do dispositivo analítico quando confrontado com certos tipos clínicos, caracterizados pela impossibilidade de livre associação e pela recusa da alteridade; diante deles, o analista se vê mobilizado em sua contratransferência de maneira muito aguda e peculiar, já que despojado de seu próprio instrumental de trabalho. Bollas partiu, para compreender o “normótico”, da postulação fundamental de Winnicott quanto ao valor positivo da ilusão na natureza humana: o viver criativo e o sentido da vida derivam da capacidade de sonhar e de brincar, ou seja, na fruição do espaço

transicional. O normótico é sistematicamente avesso ao conteúdo subjetivo em virtude de um processo de des-simbolização relacionado, segundo Bollas, a um desenvolvimento parcial da capacidade de simbolização do self. Betty Joseph contribuiu, com sua descrição do “paciente de difícil acesso”, para a discussão dos problemas técnicos também apontados por McDougall, destacando a importância do trabalho com a cisão do eu nesses casos. É curioso notar como a clínica neo-kleiniana, sempre preocupada com a qualidade da comunicação emocional na transferência, tenha estado especialmente sensível ao drama do normopata, em contraste com certas abordagens psicanalíticas que tenderam para o intelectualismo. A apresentação de conjunto dessas diversas contribuições, realizada por Ferraz de modo preciso e detalhado, é em si mesma um grande argumento, já que explicita a presença de um “tipo” de paciente – e certas dificuldades clínicas comuns – na experiência de analistas de formação e filiação diversas, conferindo maior consistência à proposição dessa categoria psicopatológica.

Após esse levantamento preliminar, o que encontramos no decorrer do livro é, cada vez mais, a contribuição própria do autor, desenvolvida a partir do quadro conceitual anterior e de sua experiência clínica.

Um capítulo inteiro é dedicado a vinhetas clínicas, na figura de quatro pacientes atendidos por Ferraz, o que possibilita um novo levantamento de questões. Reconhecendo uma pluralidade sintomática na normopatia, o autor toma como eixo comum entre os diversos pacientes a dificuldade de contato com a subjetividade, e como tarefa principal do analista fazer da sessão psicanalítica uma experiência afetiva. Margarida, a “não mudança” em pessoa, reage a uma interpretação da transferência negativa com uma crise de bronquite; com Alberto, vemos como, por efeito da análise, podem emergir experiências traumáticas que a pseudonormalidade oculta. Esse caso é especialmente interessante por descrever o

surgimento, na análise, de uma vida onírica anteriormente inexistente – em uma espécie de “desobstrução” do mundo mental – e a possibilidade de análise *sob* transferência. Ora, o que nos sinaliza o sonhar e o não sonhar? A questão já estava presente desde o paciente de Jung. Rodrigo ilustra bem o papel dos comportamentos automáticos na economia psicossomática, e Samira, de 5 anos, dá ao autor a oportunidade de observar, ao vivo, a gênese da organização normótica na primeira infância. O sintoma característico é, evidentemente, a impossibilidade de brincar, e a hipótese etiológica de Ferraz aponta dificuldades objetais precoces mantidas ao longo da infância, que levam a uma defesa radical: atacar a própria capacidade imaginativa.

Em seguida, Ferraz organiza em algumas páginas os principais problemas clínicos no manejo com o normopata. Aqui, muitos leitores encontrarão reflexões que falam à sua prática e poderão se identificar com o autor nas agruras técnicas e éticas do dia a dia do trabalho analítico, estejam ou não atendendo normopatas *stricto sensu*. Quais são os objetivos gerais e específicos desse trabalho clínico? Há, em geral, demanda de análise? Se, muitas vezes, a procura do profissional se dá em um momento em que o equilíbrio do indivíduo se mostra instável, a construção de uma demanda pode ser uma tarefa preliminar. Há que se enfrentar um “choque de universos” entre a hiperadaptação do normopata e a ética de “desnormalização” do psicanalista, este apaixonado, por natureza, pela vida imaginativa. O paradoxo inerente à clínica da normopatia é aquele entre o risco de ruptura e a exigência da análise; nesse sentido, “o sonhar sinaliza a abertura para a experiência subjetiva necessária à cura, ao mesmo tempo que tem um caráter potencialmente enlouquecedor”. A estratégia proposta por Ferraz inclui intervenções pouco interpretativas, mobilização do interesse pela vida onírica, caráter paulatino e cuidadoso – o “tato” de Ferenczi – e uso da contratransferência, especialmente como forma

de “mostrar” ao paciente a vida afetiva e subjetiva do analista; por meio dessa ousadia técnica, o analista se oferece como um objeto de identificação a seu paciente, em uma espécie de iniciação não na vida sexual, mas na vida subjetiva! Por fim, Ferraz retoma Dejours para descrever a dupla dimensão do trabalho analítico: a do *pára-excitação* e a do *enfrentamento*.

O último capítulo – uma espécie de adendo, e não por isso menos importante – discute, na verdade, duas questões: a relação entre normopatia e contexto cultural e os riscos da “normopatização” nas instituições e na formação analítica. Quanto à primeira, o autor assinala que vivemos em um meio social caracterizado pela atrofia da experiência, condição ótima para a proliferação de normopatas. Hipóteses semelhantes desenvolvidas por outros pensadores são aqui relembradas, com destaque especial para colegas de um círculo mais próximo; aqui, Ferraz parece estar sensível ao risco que corremos na comunidade analítica – e por ele mesmo apontado, a partir de P.-H. Castel – de um desinteresse dos homens uns pelos outros... Bem, se “o sentido da vida se torna uma utopia agonizante em um mundo regido exclusivamente pelas leis do mercado”, como praticar a psicanálise nesse contexto? Ao que tudo indica, aqui estão os psicanalistas, novamente, na contramão da história...

Isso nos conduz à segunda questão: o risco de “normopatização” do psicanalista devido à normalização da formação perpetrada pelas instituições psicanalíticas. Afinal, o feitiço não pode se voltar contra o feiticeiro? Retomando brevemente a história de banimento de dois ilustres desviantes – Ferenczi e Khan –, Ferraz sugere que o problema já está presente na própria seleção de candidatos a analistas, ato de extrema responsabilidade social realizado pelos analistas incumbidos da transmissão e da formação que pode ser conduzido por critérios estritos e esterilizantes de uma “normalidade” ideal. Nesse caso, um “critério” pode ser o manifesto de

uma eugenia latente e, portanto, a semente da morte da psicanálise e de sua ética plantada pelos próprios psicanalistas!

Entre *orthos* (norma) e *pathos* (paixão/doença): eis o campo das indagações de Ferraz. Quem conhece seu trabalho e suas produções anteriores sabe que essa preocupação não é de hoje. Em *A eternidade da maçã: Freud e a ética*,¹ a questão já está totalmente colocada, tanto no campo da cultura quanto no da psicopatologia. A perversão – o desvio por excelência no âmbito da sexualidade – é trabalhada em sua paixão e sua dor no livro *Perversão*,² enquanto *Andarilhos da imaginação*³ descreve com poesia, beleza e acuidade clínica a vida de certos loucos de rua, livres da instituição psiquiátrica, mas encarcerados em sua própria subjetividade. Esses loucos, no entanto, tiveram a sorte de ser de algum modo acolhidos por uma comunidade local “pré-pós-modernismo”, que pôde conservar a sabedoria da paixão ao lado de suas normas de sociabilidade. Foi neste caldo cultural e imaginário que nasceu o autor do presente livro.

Entre *orthos* e *pathos*: qual será o destino do sujeito humano, da cultura por ele criada e que o cria, da instituição psicanalítica – também criatura e criadora de seus pobres e ricos analistas, à sua imagem e semelhança –, bem como do impossível ofício de psicanalista?

São Paulo, abril de 2002.

1 Ferraz, F. (1994). *A eternidade da maçã: Freud e a ética*. Escuta. [Em 3ª edição pela Blucher, 2024.]

2 Ferraz, F. (2000). *Perversão*. Casa do Psicólogo. [Em 7ª edição pela Pearson Clinic Brasil, 2017.]

3 Ferraz, F. (2000). *Andarilhos da imaginação: um estudo sobre os loucos de rua*. Casa do Psicólogo. [Em 2ª edição pela Blucher, 2025.]

*É possível a uma pessoa esquizóide ou esquizofrênica
levar uma vida satisfatória e mesmo realizar um
trabalho de valor excepcional. Pode ser doente, do ponto
de vista psiquiátrico, devido a um sentido debilitado
de realidade. Como a equilibrar isso, pode-se afirmar
que existem pessoas tão firmemente ancoradas na
realidade objetivamente percebida que estão doentes no
sentido oposto, dada sua perda do contato com o mundo
subjetivo e com a abordagem criativa dos fatos.*

D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*



Este livro se caracteriza pela ousadia e pelo risco. A ousadia e a assunção de um risco são decorrentes da proposição de um quadro psicopatológico — a normopatía — que não faz parte das estruturas clínicas clássicas e que ainda não foi suficientemente consagrado na literatura psicanalítica. Trata-se, portanto, de uma inovação que, no entanto, apoia-se em algumas linhas de força da psicanálise pós-freudiana.

– **Decio Gurfinkel**

Excerto do Prefácio à 1ª edição

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. **Flávio Ferraz**

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2785-4



9



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Normopatia

Sobre Adaptação e pseudonormalidade

Flávio Ferraz

ISBN: 9788521227854

Páginas: 168

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2026
